UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE SÃO BERNARDO-MA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURAS EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

LARISSA SILVA LOPES

PERSPECTIVAS DO MATRIARCADO AFRICANO NO FILME *PANTERA NEGRA: WAKANDA PARA SEMPRE*

SÃO BERNARDO – MA
2025

LARISSA SILVA LOPES

PERSPECTIVAS DO MATRIARCADO AFRICANO NO FILME *PANTERA NEGRA: WAKANDA PARA SEMPRE*

Artigo científico apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado(a) em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio

SÃO BERNARDO – MA

2025

LARISSA SILVA LOPES

PERSPECTIVAS DO MATRIARCADO AFRICANO NO FILME *PANTERA NEGRA: WAKANDA PARA SEMPRE*

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Campus São Bernardo, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado(a) em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio

Aprovado em: _____/_____/____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.Dr.JosenildoCamposBrussio(Orientador)
Curso de Ciências Humanas-Sociologia (CCSB/UFMA)

_____

Profa.Dra.Amanda Gomes Pereira
Curso de Ciências Humanas-Sociologia (CCSB/UFMA)

_____

Profa. Dra.Ana Caroline Amorim Oliveira

Curso de Ciências Humanas-Sociologia (CCSB/UFMA)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus, por ter me abençoado durante toda essa jornada.

À minha família, em especial, aos meus pais, Carmelice e Antônio Carlos, e aos meus irmãos, Clarissa, Lauriston e Ólever, que sempre me apoiaram incondicionalmente com muito amor e carinho.

Aos meus colegas de turma, que me proporcionaram momentos especiais e cheios de companheirismo.

A todos os meus professores, em especial, ao meu orientador Dr. Josenildo Campos Brussio, que aceitou fazer parte desse trabalho, orientando-me em cada passo.

PERSPECTIVAS DO MATRIARCADO AFRICANO NO FILME *PANTERA NEGRA: WAKANDA PARA SEMPRE*

Larissa Silva Lopes[1]
Josenildo Campos Brussio[2]

RESUMO: O matriarcado como bem coloca Diop (1974) é caracterizado justamente por uma colaboração que se torna harmoniosa de ambos os sexos, fazendo assim com que se tenha certa oposição sobre o que é colocado por autores colonialistas, que sempre colocam o matriarcado como um sistema no qual as mulheres teriam uma imposição sobre o homem e que as mulheres obteriam uma dominação da sociedade toda. A história da África colonial nos remete sobre como muitas rainhas africanas que tinham poder político nas sociedades africanas. O presente artigo tem por objetivo estudar a representação da mulher negra no filme *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, analisando também como se faz presente um discurso social, cultural e representativo das sociedades matriarcais no longa-metragem. Foram utilizados conceitos de Cheik Anta Diop (1974), OyèrónkéOyewùmí (2004) e Nah Dove (2017), a respeito dos fatores sociais, culturais e históricos que contribuíram para a forma de organização matriarcal presentes nas sociedades africanas. Para mais, a pesquisa traz uma análise uma reflexão sobre o Afrofuturismo que se encontra presente no filme, salientando quais são as imagens simbólicas que movimentam a negritude e o negro no futuro. Metodologicamente, o presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, na qual compreenderá o levantamento do material bibliográfico como livros, teses, dissertações, monografias, internet, etc. O longa *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, é um grande motor que inova a maneira de representar as mulheres negras, que têm um papel central tanto na política, quanto na relação com os demais personagens e nas cenas de ação. Os resultados evidenciados mostram como o enredo do filme é totalmente voltado para o matriarcado africano, ao empoderamento feminino, tendo dessa forma as mulheres como protagonistas.

Palavras-chave: Matriarcado; Pantera negra; Afrofuturismo.

ABSTRACT: Matriarchy, as Diop (1974) rightly states, is characterized precisely by a collaboration that becomes harmonious between both sexes, thus creating a certain opposition to what is proposed by colonialist authors, who always present matriarchy as a system in which women would have an imposition over men and in which women would obtain domination of the entire society. The history of colonial Africa reminds us of how many African queens had political power in African societies. This article aims to study the representation of black women in the film Black Panther: Wakanda Forever, also analyzing how a social, cultural and representative discourse of matriarchal societies is present in the feature film. Concepts from Cheik Anta Diop (1974), OyèrónkéOyewùmí (2004) and Nah Dove (2017) were used regarding the social, cultural and historical factors that contributed to the form of matriarchal organization present in African societies. Furthermore, the research provides an analysis and reflection on Afrofuturism that is present in the film, highlighting the symbolic images that drive blackness and black people in the future. Methodologically, this work consists of a bibliographical research, which will include the survey of bibliographical material such as books, theses, dissertations, monographs, internet, etc. The film Black Panther: Wakanda Forever is a great engine that innovates the way of representing black women, who have a central role both in politics and in the relationship with the other characters and in the action scenes. The results show how the plot of the film is totally focused on the African matriarchy, on female empowerment, thus having women as protagonists.

Keywords: Matriarchy; Black Panther; Afofuturism.

INTRODUÇÃO

[1]Graduanda em Ciências Humanas/Sociologia.E-mail: larissa.sl@discente.ufma.br.UFMA/Centro de Ciências de São Bernardo- MA

[2]Doutor em Psicologia Social (UERJ). E-mail: josenildo.brussio@ufma.br. Professor Associado II do Curso de Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, Centro de Ciências de São Bernardo/MA.

O Matriarcado é uma forma de viver, na qual a mulher é o centro de sua comunidade, tendo dessa forma, uma valorização e um grande respeito, esse sistema teve seu desenvolvimento no continente africano. Buscando fazer o resgate da ancestralidade africana, o Afrofuturismo é um movimento que utiliza elementos da cultura ancestral africana na construção de diversas narrativas, e tendo como centro a população negra. Desse modo, o filme *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* é um exemplo do afrofuturismo, centrado no matriarcado africano, pois, oferece uma narrativa rica e cheia de complexidades centradas em personagens afrodescendentes e com personagens femininas nos papéis principais.

Segundo Cheik Anta Diop (1974), o matriarcado teve seu domínio no mar Egeu Mediterrâneo graças à colonização Egipto-Fenícia de populações. O sistema possui uma forte ligação com a agricultura, pois, as mulheres tinham uma responsabilidade a respeito do plantio e da colheita, tendo-se dessa maneira, uma relação direta entre a mulher e a terra, o que resultou em respeito e reconhecimento da mulher enquanto ser ligado à fertilidade.

Diop (1974) salienta que a mulher é a dona da casa no sentido econômico da palavra, pois, o marido não pode de forma alguma tocar nos alimentos sem o seu consentimento. Assim, a mulher exerce uma espécie de ascendência econômica nas sociedades africanas arcaicas, sendo uma prática comum que ela exerça o comando das atividades econômicas e laborais, como a agricultura e o comércio. Portanto, o matriarcado é uma característica básica da civilização agrícola negra africana.

O presente artigo tem por objetivo estudar a representação da mulher negra no filme *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, analisando como se faz presente um discurso social, cultural e representativo sobre o Afrofuturismo que se encontra presente no longa, salientando sobre quais são as imagens simbólicas relacionadas ao futuro do negro em interseção com os elementos ancestrais do povo africano, como o matriarcado.

Para a realização da pesquisa, realizamos uma pesquisa bibliográfica, na qual, segundo Gil (2002),é "a análise e interpretação de material já publicado, como livros, artigos, periódicos e internet".Dessa maneira, fizemos o levantamento do material bibliográfico como livros, teses, dissertações, monografias, internet, etc sobre os temas do afrofuturismo e do matriarcado africano.

Na primeira seção, o artigo salienta o conceito de Matriarcado Africano, sistema que promove uma valorização e um papel central da mulher na organização das

sociedades africanas, ressaltando como esse sistema matriarcal não faz uma imposição da mulher em relação ao homem, mas sim, uma harmonia entre eles.

Na segunda seção, a pesquisa apresenta uma ficha técnica sobre o filme *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre,* produção da Marvel Studios, de Ryan Coogler, em 2022. O longa é a continuação do grande sucesso de bilheteria do seu primeiro filme, *Pantera Negra*. *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* traz aos telespectadores um modelo de matriarcado a partir das sociedades de Wakanda[3], destacando a força e liderança feminina, mostrando também o quanto é importante o papel dos ancestrais.

Na última seção, o trabalho apresenta uma análise sobre como o matriarcado e o movimento afrofuturista que se fazem presente na produção *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*. Assim, no artigo é enfatizado que Afrofuturismo que tem como característica fazer um resgate das raízes africanas, associadas a elementos futurísticos, tecnológicos e inovadores, fazendo dessa maneira com que o negro tenha um protagonismo. No filme, esse movimento é bem evidenciado se quando nota que os personagens carregam consigo suas raízes, nos elementos visuais e costumes, das vestes da realeza e das armaduras e armas dos guerreiros.

Em relação ao matriarcado, o filme é um grande símbolo, visto que é enfatizado sobre o empoderamento feminino, na liderança feminina, seu poder na política, e sua força nas lutas, tendo dessa maneira, uma imagem da mulher negra desconstruída dos estereótipos impostos pelas sociedades ocidentais eurocentradas.

1 MATRIARCADO AFRICANO

O processo de colonização das Américas resultou em um longo processo, aproximadamente 500 anos, de apagamentos de outras culturas ameríndias e africanas, fazendo com que não se tivesse um entendimento a respeito sobre o quanto o continente africano tem a nos apresentar de valor, resultando dessa maneira na falta de aceitação da cultura africana como cultura de valor em nossos curriculares escolares, tanto que hoje se vê esses conteúdos pro força de lei: a Lei 10.639/03, atualizada pela Lei 11.645/08.

Pode-se notar uma demonstração dessa desvalorização presente nos livros didáticos, uma vez que antes da Lei 10.639/03, estava inserida neles uma linguagem na

[3]Segundo Hoskin, Flamini, Moreels e Vandal (2008), Wakanda é um país fictício do Universo Marvel, localizado na África subsariana. É a terra natal do super-herói Pantera Negra e é considerado o país mais proeminente do Universo Marvel.

qual a África é um continente primitivo e que os africanos são selvagens. O que de certa forma terminou reforçando por muito tempo os discursos eurocentrados, nos quais o branco europeu se coloca como superior às pessoas não brancas e que os negros devem ser subordinados.

O matriarcado tem um papel muito importante na sociedade, já que esse sistema social promove a igualdade de gênero e a valorização das habilidades femininas, visto que as mulheres terminam obtendo um papel central na organização da sociedade, permitindo, desse modo, que as mulheres consigam ter mais voz nas decisões políticas, econômicas e sociais.

Cheik Anta Diop (1974) afirma que "o sistema matriarcal é a base da organização social no Egito e em toda a África Preta. Por outro lado, nunca houve qualquer prova da existência de um matriarcado paleo-Mediterrâneo, supostamente exclusivamente Branco" (p. 293). Ou seja, os primeiros registros de sistemas matriarcais surgem na África, com a desenvoltura de mulheres negras nos papéis fundamentais das sociedades arcaicas africanas.

O sistema matriarcal possui uma "importância na construção da sociedade africana e as possíveis readequações da sua utilidade na contemporaneidade das sociedades, com os valores, costumes, vivências e convivências dignas do bem humano" (Carvalho; Tubento, 2021, p.3).

> [...] O sistema matriarcal adequado é caracterizado pela colaboração e floração harmoniosa de ambos os sexos, e por uma certa preeminência da mulher na sociedade, devido originalmente às condições econômicas, mas aceita e até mesmo defendida pelo homem (Diop, 1974, p. 301).

Sendo assim, o matriarcado como bem coloca Diop (1974) é caracterizado justamente por uma colaboração que se torna harmoniosa de ambos os sexos, fazendo assim com que se tenha certa oposição sobre o que é colocado por autores colonialistas, no qual sempre colocam o matriarcado como um sistema no qual as mulheres teriam uma imposição sobre o homem e que as mulheres obteriam uma dominação da sociedade toda.

A história da África colonial nos remete ao fato de que muitas rainhas africanas tinham poder político nas sociedades africanas. A cultura Matriarcal do Sul colocava as mulheres um passo à frente em relação aos homens, pois eram elas que estavam presentes no sistema agrícola, eram agricultoras, também ficavam responsáveis pela

comida e a casa, para mais, é importante enfatizar que se tinha um ritual funerário no qual a mulher tinha seu corpo retornado para a sua terra natal.

Nesse sistema matriarcal, as mulheres desenvolviam habilidades de liderança, tomavam decisões importantes e transmitiam conhecimentos para as futuras gerações. Tendo-se desse modo, o desenvolvimento de sociedades mais igualitárias e harmoniosas.

> A mulher é a dona [mistress] da casa no sentido econômico da palavra. Ela está no comando de todos os alimentos, que ninguém, nem mesmo o marido, pode tocar sem o seu consentimento. Freqüentemente um marido, ao alcance da comida preparada por sua própria esposa, não ousa tocá-la sem a sua autorização. É degradante para um homem entrar em uma cozinha na África Preta (Diop, 1974, p. 298).

Desse modo, na África durante o período Pré-colonial se terá uma grande valorização familiar matriarcal, no qual as rainhas africanas participavam de forma bem ativa das questões políticas.

> Na Etiópia, a rainha de Sabá expressa o poder feminino desde os tempos primordiais. A rainha Candance, que lutou contra o exército invasor de Augustus César. No Egito, a rainha Hatshepsout, descrita como "a primeira rainha na história da humanidade". Cleópatra, chamada "Rainha dos Reis". Até mesmo no enorme e poderoso império de Gana, no século III, os valores matriarcais eram a norma. Isso vale para o poderoso Império do Mali, que se apoiava nas instituições matrilineares (Fonseca, 2019, p. 3).

De acordo com Diop (1974), o sistema matriarcal vai estar presente no sistema familiar das comunidades africanas. Assim, como na antiguidade, atualmente, o matriarcado negro ainda se encontra vivo, ou seja, a mulher vai ser aquela na qual se terá o direito político. Percebe-se que Diop (1974), apresenta em sua obra uma história geral do continente africano enquanto berço do matriarcado - em contraste com a Europa enquanto berço do patriarcado - e das áreas que estes domínios opostos influenciaram - como a Ásia.

> [...] nas sociedades africanas antigas houve mulheres que participaram ativamente da vida pública de diferentes comunidades, explorando a história de rainhas e guerreiras: escreve sobre a Rainha de Sabá e a Rainha Candácea na área da Etiópia, assim como mostra que no Egito houve Hatshepsput, "a primeira rainha da história da humanidade" e Cleópatra, "a rainha dos reis" (Scholl, 2016, p. 29).

Vê-se na citação acima que as pesquisas de Diop influenciaram fortemente diversos pensadores como Camille Johann Scholl, que trazem sua tese de doutorado, intitulada *LéopoldSenghor e a lusofonia: entre conceitos, diálogos e recepções* (1957-1988), uma breve discussão sobre o matricardo africano na concepção de Diop (1974).

Como é demonstrado no filme *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre,*as

mulheres possuem um lugar de preponderância em relação ao homem, no campo científico e político. No entanto, o patriarcado[4] vai começar a se manifestar na África devido a fatores externos tais como, a chegada do Islã, "o cristianismo e a presença dos europeus na África, simbolizada pela legislação colonial, direito sobre as terras, nomeação segundo a família do pai, monogamia e a educação ocidental das elites", tornando-se, dessa maneira, um modelo padrão familiar e social da época (Fonseca, 2019, p. 3).

Contudo, atualmente o matriarcado negro ainda está vivo, como por exemplo, "o matriarcado vigoraria na ilha de Orango Grande, na aldeia central Etikoka. [...] o caso especificamente a ilha de Orango Grande, a apresenta como uma sociedade matriarcado, na qual as mulheres dominam os homens" (Carvalho; Tubento, 2021, p.7-8).

Autoras como OyèrónkéOyewùmí e Nah Dove, buscam em seus textos quebrar toda uma hierarquia eurocêntrica que coloca o pensamento ocidental europeu como o modelo a ser seguido pelas outras sociedades. Além disso, nos mostra como o colonialismo e a escravidão contribuíram para o apagamento do saber sobre as mulheres africanas.

2 CONHECENDO O FILME *PANTERA NEGRA: WAKANDA PARA SEMPRE*

O filme *Pantera Negra* (2018) é uma produção da Marvel Studios que vai mostrar a história do rei T'Challa, o Pantera Negra, um super-herói que tem poderes advindos de um metal alienígena chamado *Vibranium* e que comanda o reino de Wakanda, país fictício que está localizado na África, porém, o local exato variou ao longo dos anos, no Universo Cinematográfico da Marvel, a localização do país fica ao norte do Lago Turkana. No filme, Wakanda é um país que tem um desenvolvimento tecnológico muito grande, mas apesar da tecnologia superdesenvolvida, é isolado do restante do mundo, como forma de proteção de seus conhecimentos e tecnologias.

[4]Estima-se que o patriarcado tenha cerca de 2.603-4 anos 9 sendo, portanto, muito jovem se comparado a idade da humanidade, estimada entre 250 e 300 mil anos. O gênero, por sua vez - não enquanto compreensão teórica, mas como construção social de imagens projetadas sobre o masculino e o feminino - é, segundo a autora, inerente as sociedades. Ele é estruturador da divisão social (e, assim, sexual) do trabalho, na medida que ela se faz correspondendo ao critério de sexo. O que não implica, necessariamente, na desvalorização das atividades atribuídas às mulheres. [...] O patriarcado é, por conseguinte, uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s) (CUNHA, 2014, p.153-154).

O filme tem como Diretor Ryan Coogle, cujo país de origem é o Estados Unidos da América. O filme Pantera Negra foi produzido no ano de 2018 e tem a classificação de 14 anos. Logo após o sucesso do primeiro filme, o longa teve a continuação com o segundo filme, intitulado *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*,com sua estréia no ano de 2022, dirigido por Ryan Coogler e produzido por Kevin Feige.O filme volta após a morte do ator principal (Chadwick Boseman), até então, o intérprete doPantera Negra, que faleceu em agosto de 2020, após a luta de quatro anos contra um câncer de cólon. Devido a essa fatalidade, o papel da protagonista fica para Shuri (Letitia Wright), que no filme é a irmã mais nova do rei T'Challa.

O longa começa com o funeral do rei T'Challa (Chadwick Boseman), deixando uma lacuna de poder em Wakanda. Sendo assim, a sua mãe, Rainha Ramonda (AngelaBassett), e sua irmã, Shuri (Letitia Wright), lutaram com a perda e reorganização do reino. O trono será liderado pela rainha Ramonda, que terá pela frente vários desafios internos de líderes tribais que irão fazer questionamentos a respeito de sua liderança. Já sua filha Shuri (Letitia Wright), devido ao luto, lutará para encontrar seu propósito em Wakanda.

Logo após a morte do Rei T'Challa, a Rainha Ramona, Shuri, Okoye e as DorasMilaje lutarão para proteger os wakandanos contra as potências mundiais, que estão em busca do *vibranium*[5]. A participação da Rainha de Wakanda na reunião da ONU para defender o *vibranium* da nação africana, perante a ganância das demais nações do mundo, é uma prova disso.

Em Wakanda, chegará um novo inimigo o governante subaquático de Talokan, Namor (TenochHuerta), que colocará todo povo em risco, visto que ele busca proteger seu povo e recursos naturais de Talokan, como o *vibranium*, que não existe só em Wakanda, como pensavam os wakandanos.

Durante o filme, a rainha Ramonda juntamente com a Shuri irá fazer uma viagem para os EUA, para encontrar uma jovem inventora, Riri Williams (Dominique Thorne). Nesse encontro, elas vão fazer uma descoberta na qual percebem que a tecnologia de Riri pode ajudar a salvar Wakanda. E durante esse caminho, Namor atacará Wakanda, levando o país a uma batalha épica. No desenrolar do filme, Shuri

---

[5] *Vibranium* é minério fictício do universo Marvel. O metal possui a característica de absorver vibrações, e permaneceu escondido do restante do mundo, bem como o próprio reino de Wakanda, pelo receio quanto à exploração estrangeira do recurso e possíveis guerras. A utilização do *vibranium* tornou Wakanda uma verdadeira civilização futurista, presente em praticamente todos os artefatos e maquinários da região, inclusive no uniforme do Pantera Negra(Soares, 2023, p. 108).

(Letitia Wright), assumirá o seu papel como Pantera Negra, enquanto um acordo de paz acontecerá entre Wakanda e Talokan.

O filme *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, consegue trazer aos telespectadores um modelo de matriarcado africano, através da sociedade wagandense, pois a Rainha Ramona, Shuri, Okoye e as Doras Milajere representam a força das mulheres na liderança de um país no filme. A partir do momento que a rainha Ramonda (Angela Bassett), assume o trono após a morte do rei T'Challa, é mostrado o poder da liderança feminina, caracterizado pela força, sabedoria e autoridade. O discurso político da Rainha Ramonda na reunião da ONU demonstra isso claramente:

> Que a nossa graciosa resposta a essa incursão, seja um ramo de oliveira.Futuros ataques a nossos recursos serão considerados um ato de agressão e receberá um outro tipo de resposta.Nós choramos a partida do nosso rei, mas não considerem, nem por um segundo, que Wakanda deixou de ter a habilidade de proteger nossos recursos.Estamos cientes dos esforços em andamento de alguns para encontrar *vibranium* fora de Wakanda e só desejo a melhor das sortes! (Rainha Ramonda)

Além disso, o longa ressalta ainda o importante papel das mulheres, visto que, em Wakanda, elas ocupam posições de poder, como líderes políticas, guerreiras e cientistas. A representação feminina é bem mostrada no filme, como por exemplo: a Shuri (Letitia Wright), que é uma jovem cientista e futura líder, um símbolo de inteligência e criatividade feminina; Okoye (Danai Gurira), que é a comandante das Dora Milaje, guardiãs reais; pela avó de T'Challa, N'Jadaka (Ruth E. Carter), que é um modelo de força ancestral feminina.

Figura 1: Princesa Shuri, de Wakanda

Fonte: *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, 2022.

Outro exemplo do empoderamento feminino se dá na organização e treinamento militar da Dora Milaje. Em uma luta para proteger o *Centro de Ajuda Wakandano*

Ansongo, no Mali, Okoye (Danai Gurira) se reporta a Aneka, uma das guerreiras Dora Milaje, criticando-a por estar usando uma arma tecnológica produzida pela princesa Shuri (cientista chefe de Wakanda): "Nossas antepassadas nos deram a lança porque é precisa, elegante e letal!Isso não vai se alterar sob minhas ordens!– Sim,general – responde Aneka" (fala de Okoye no filme *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*.

Figura 2: Okoye, comandante das Dora Milaje.

Fonte: *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, 2022.

Ademais, o filme salienta sobre como ancestralidade possui um papel fundamental na vida dos wakandanos, uma vez que, para Shuri se tornar a Pantera Negra, precisa se conectar com o plano espiritual dos seus ancestrais e tal proeza só ocorre por meio de um ritual realizado com a erva-coração.

A erva-coração[6] é o meio pelo qual o escolhido para o manto do Pantera Negra se conecta aos seus ancestrais. Trata-se de uma planta, resultado de uma mutação causada por um meteorito de *vibranium* que caiu em Wakanda.A erva-coração concede super-poderes ao usuário, como agilidade, força e reflexos sobre-humanos.

Para o pesquisador Julvan Oliveira (2009), a ancestralidade na cultura afro-brasileira é um elemento central nas práticas culturais e espirituais desses povos que vai ter uma ligação muito forte com a noção de tempo.

> O ancestral nada mais é que um criador. [...] O ancestral é aquele que tem o estatuto de fundador, fundador do clã, da linguagem, que foi uma personagem importante, que é a origem, a fundação, o fundador de tudo, da nação, uma pessoa cuja memória é simplesmente rememorada, reatualizada

[6]A Erva Coração é uma planta fictícia da Marvel que concede super-poderes ao Pantera Negra. Ela é nativa de Wakanda e só cresce naquela nação.

em todos os momentos (Oliveira, 2009, p.201).

A ancestralidade está ligada a força vital que será repassada pelos deuses, justamente para intermediários que tem o papel de fazer a transmissão desta força. Sendo assim, os responsáveis por fazerem essa transmissão são os mais velhos, visto que eles repassam aos mais novos. “Então, é um conjunto de relações, de interpretações entre os vivos e os mortos, e a ancestralidade é muito importante porque é o fundador de tudo” (Oliveira, 2009, p.202).

Além disto, os mortos também são os ancestrais, pois, a morte não separa vivos e mortos, o que vai acontecer é uma questão de transcendência, uma vez que os ancestrais vão transcender o tempo. Sendo assim, haverá um conjunto de relações entre os vivos e os mortos, ou seja, entre os vivos e os ancestrais que transcenderam, portanto, aqui a ancestralidade será a fundadora de tudo.

O longa *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* promove uma visão bastante inspiradora do matriarcado, pois, é destacada a força, liderança e diversidade feminina, tornando-se dessa forma, um ponto de referência na representação de mulheres negras, conseguindo alcançar também discussões sobre igualdade de gênero (sem propor a superioridade de um sobre o outro). O filme desafia estruturas patriarcais tradicionais, nas quais questiona-se o poder político das mulheres, impedindo-as de ocuparem posições-chave no governo e na tomada de decisões.

3 AFROFUTURISMO E MATRIARCADO AFRICANO EM *PANTERA NEGRA: WAKANDA FOREVER*

Os múltiplos discursos eurocentristas que colocam a África como um continente primitivo e inferior vêm de um longo processo de disseminação que acaba usando uma forma violenta e opressiva de dominação: o projeto de modernidade/colonialidade (Quijano, 2009). Devido à colonialidade do poder[7], enquanto parte do projeto de colonização europeia dos séculos XVI ao XX, o negro teve sua história, suas raízes e suas culturas reprimidas de maneira cruel.

[7]A colonialidade do poder é um padrão de poder que surgiu como resultado do colonialismo moderno. É um conceito que interrelaciona as práticas e legados do colonialismo europeu em ordens sociais e formas de conhecimento, avançado em estudos pós-coloniais, decolonialidade e estudos subalternos latino-americanos, mais proeminentemente desenvolvidos por Anibal Quijano (2009).

Apesar dos mais de 500 anos de epistemicídios[8], novas epistemologias têm surgido no século XXI para dar espaço às vozes silenciadas: a decolonialidade[9], o afrocentrismo[10], a contracolonilidade[11] e o afrofuturismo são algumas. O afrofuturismo é o movimento artístico, social e cultural que tem como referência a ideia de um futuro que tenha a comunidade negra como protagonistas, sendo assim, este movimento é caracterizado pela ascensão da ancestralidade, do uso da ficção científica e fantasias tecnológicas.

O pesquisador Alan Rodrigues Soares,[12] teve uma tardia autoidentificação enquanto negro, pois não tinha uma definição acerca de sua etnia. O que de certa forma fez com que ele se notasse não conhecedor de sua própria origem e cultura. Desse modo, foi a partir disso que Soares teve seus estudos voltados para o Afrofuturismo, movimento esse que possui como característica fazer o resgate das raízes africanas, ou seja, da ancestralidade negra africana.

O movimento artístico afrofuturista, surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960, passou por diversos meios de comunicação, como literatura, música, política,

---

[8] De acordo com Viviane M. Moraes e Dandara da Silva Rosa (2020, p. 59): "Epistemicídio é um termo cunhado por Boaventura de Sousa Santos sobre a destruição de conhecimentos e saberes de culturas não assimiladas pela cultura branca/ocidental. A filósofa Sueli Carneiro (2005) também tece contribuições importantes sobre o termo ao afroperspectivar para a nossa realidade brasileira".

[9] O Programa de Investigação da Modernidade/Colonialidade Latino-Americano é uma rede complexa composta por pesquisadores da América Latina e dos Estados Unidos, entre os quais se destacam Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Edgardo Lander, Ramón Grosfoguel, Agustín Lao-Montes, Santiago Castro-Gómez, Fernando Coronil, Immanuel Wallerstein, Nelson Maldonado-Torres, Arturo Escobar, Boaventura Santos e ZulmaPallermo. Segundo a cientista política brasileira Luciana Ballestrin, que foi pioneira nas publicações sobre a decolonialidade no Brasil, "o coletivo realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI: **a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de "giro decolonial"** (Ballestrin, 2013, p. 89).

[10] A palavra "Afro-cêntrico" havia sido usada por KwameNkrumah, líder de Gana, em 1961 em um discurso na Universidade de Gana, em Legon. MolefiKeteAsante desenvolveu o conceito no seu livro *Afrocentricity: The Theoryof Social Change*que buscou privilegiar a identidade, os conceitos, os pensamentos e as ações africanas. Outros pesquisadores norte-americanos e sul-americanos deram continuidade aos estudos afrocêntricos, tais como, Ama Mazama, Marimba Ani, Ângela Davis, Abdias Nascimento, Zenaide Silva, Aza Njeri e Dandara Aziza.

[11] O conceito de **contracolonização ou contracolonialidade,** surgiu com Antônio Bispo dos Santos, mais conhecido como Nego Bispo. Nasceu em 1959 no povoado Papagaio, vale do rio Berlengas, Piauí. Lavrador, poeta, escritor, professor, ativista político. Militante do movimento social quilombola e de direitos pelo uso da terra, formou-se com os saberes de mestras e mestres do Quilombo Saco Curtume, no município de São João do Piauí, e foi o primeiro de sua família a ser alfabetizado. A contracolonialdade contesta o atual modelo de desenvolvimento econômico ao qual o Brasil e os demais países da América Latina se rendem.

[12] Mestrando em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), com foco nos Estudos do Imaginário e Afrofuturismo. Membro do Imaginalis – Grupo de Pesquisa sobre Comunicação e Imaginário. Possui especialização em Narrativas Multimídia pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela UFRGS. Atua como criador de conteúdo digital, com interesse em Cinema e Imaginários.

moda ecinema. O afrofuturismo vai tratar da herança ancestral negra africana, isto é, ele possui sua base no passado, e em fazer o resgate das raízes africanas. No Afrofuturismo, a diáspora africana é usada como uma evidência do protagonismo negro em um mundo que não foi moldado pelos brancos.

> Originado nos Estados Unidos, em meio a uma explosão de produções de ficção científica e futurismos, corrida espacial, feiras de tecnologia e toda a sorte de previsões sobre os rumos da humanidade, o afrofuturismo vem com a provocação de incluir – ou até mais do que isso, centralizar – a negritude nesses futuros imaginados (Soares, 2023, p. 15).

Os filmes afrofuturistas têm um objetivo de trazer novas perspectivas a respeito dos potenciais inovadores, tecnológicos e futuristas dos negros, indo, dessa forma, de encontro aos estereótipos que são colocados ao povo negro, tais como, os "sem história", "incivilizados" e "suburbanos". Apesar de o cinema ser uma das principais fontes de disseminação da cultura e identidade eurocêntrica, ele também é um motor que vai fazer com que o afrofuturismo possa se propagar.

Space isthePlace (1974), foi o longa-metragem precursor do gênero afrofuturista, durante a década de 1970. Um dos nomes mais importantes do Afrofuturismo é o protagonista Sun Ra. Trata-se de um longa cheio de viagens intergalácticas, nas quais se tem a presença de naves espaciais e músicas eletrônicas.

> [...] Sun-Rá com o objetivo de reunir os negros da Terra e levá-los, através de uma nave espacial, para colonizar outro planeta, totalmente afrocentrado. Se a lógica vigente era de separação racial, onde os negros eram proibidos de frequentar os mesmos espaços que os brancos, então a solução do longa-metragem seguia a mesma linha: deixar a Terra com os brancos e fundar uma sociedade utópica onde apenas os negros fossem admitidos (Soares, 2023, p. 14).

Outro longa que faz parte do MCU (Universo Cinematográfico da Marvel) e teve bastante sucesso dos anos 90, foi o filme *Blade - O Caçador de Vampiros*. Blade transforma-se em um guerreiro imortal, logo após ser contaminado pelo sangue de uma criatura das trevas. O filme possui uma a estética do afro-futurista, tendo também uma mistura de elementos da ciência com fantasia. O movimento conseguiu introduzir mais sobre as histórias negras no reino da ficção científica, fazendo assim com que os artistas e escritores negros usem o movimento como um meio

> Olhando para o mundo em que vivemos, desde sua criação e ainda hoje, o movimento se faz extremamente necessário, pois ele atua como uma força contrária às atuais narrativas que cercam o corpo negro – de incompetência, criminalidade, invisibilidade etc. –, que resultam no genocídio físico e simbólico da população negra (Soares, 2023, p. 13).

O afrofuturismo tem como ponto central a conexão da especulação futuristas e as tradições africanas, no longa *Pantera Negra* e na sua continuação *Pantera Negra: Wakanda para Sempre*, o afrofuturismo é parte essencial, é possível notar que os personagens carregam consigo suas raízes, suas culturas.Encontram-se presentes também elementos visuais, como as vestimentas, penteados, hábitos e costumes, que buscam fazer o resgate da ancestralidade.

Figura 3: Rainha Ramonda, de Wakanda.

Fonte: *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, 2022.

Figura 4: Funeral do Rei T`Challa, conduzido pela Rainha Ramonda e a Princesa Shuri

Fonte: *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, 2022.

Na figura 3, a rainha Ramonda usa trajes que possuem inspiração das mulheres que pertencem à tribo Zulu,na África do Sul. Em vez de usar uma coroa, a rainha faz o uso de um belo cocar, isto é, um traje muito tradicional, usado pelas mulheres do povo Zulu. Já na figura 4, nota-se uma referência específica ao costume dos povos africanos

em relação à morte, pois diferentemente do que vemos nas sociedades cristãs ocidentais – que usam vestes pretas nos funerais – na África, alguns povos fazem o uso da cor branca em cerimônias fúnebres dos anciãos, sacerdotes e reis.

Além de ser uma forma de entretenimento para a sociedade e lucro para a indústria cinematográfica, o filme *Pantera Negra, Wakanda para sempre* consegue trazer referências sociais e reflexões sobre o empoderamento feminino, ancestralidade e afrofuturismo.

> Avançando para 2018, vemos estrear como sucesso de bilheteria nos cinemas do mundo todo o longa Black Panther, dirigido por Ryan Coogler e parte do Universo Cinematográfico da Marvel, uma das franquias de maior sucesso da história do cinema. A trama acontece em Wakanda, reino fictício africano, escondido do mundo todo por abrigar as tecnologias mais avançadas da humanidade. Diante do histórico de colonização e saqueamento da África por parte dos europeus e estadunidenses, Wakanda conseguiu desenvolver-se justamente por manter-se em segredo. Assim, Pantera Negra inverte a dicotomia de brancos como civilizados e negros como tribais, mostrando todo o poder do povo africano, discurso próprio do seu tempo nos movimentos raciais (Soares, 2023, p. 14)

Dentro do movimento afrofuturista, o filme *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* é um símbolo, pois coloca à mostra toda a força da negritude e capacidade inovadora e tecnológica dos negros. No filme,Wakanda é um país do continente africano avançado tecnológica e economicamente, o que de certa forma, acaba com a imagem estereotipada de um país africano que sempre é visto com uma visão negativa.

No longa, os designs de vestimentas, as estruturas arquitetônicas da cidade de Wakanda representam um amálgama de símbolos de tradições ancestrais de diversas nações africanas, para a construção de mundo fictício,coeso e sólido.Em *Pantera Negra: Wakanda para Sempre*, a temática afrofuturista ganha proporções maiores, expandindo e aprimorando o que foi estabelecido no primeiro filme.

Nas cenas, pode-se encontrar o aparato tecnológico wakandiano, tanto nos apetrechos como também nos trajes (armadura do Pantera Negra). O traje do Pantera Negra possui alta tecnologia, além de ser fabricado com fios de *vibranium*. A vestimenta tem proteção contra disparos e agressões, e devido à alta tecnologia, a roupa permite a absorção da energia dos ataques recebidos e posterior disparo dessa energia contra os inimigos. A parte superior do traje possui uma máscara (ou capacete) que permite a proteção da cabeça. Portanto, o traje do Pantera Negra é cheio de funcionalidades tecnológicas que chamam à atenção das outras nações, com interesses

em suas tecnologias.

Figura 5: Wakanda

Fonte: *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, 2022.

Figura 6: Traje (armadura de *vibranium*) do Pantera Negra

Fonte: *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, 2022.

As sociedades ocidentais eurocentradas, pelo processo de colonização, estabeleceram e definiram, historicamente, estereótipos negativos e inferiorizantes contra o povo negro, que foram incorporados, culturalmente, pelo imaginário coletivo, contribuindo desse modo, para as diferenciações entre as etnias e, consequentemente, o racismo.

A narrativa do filme voltada ao protagonismo da mulher negra quebra essa imagem estereotipada negativa do povo negro no imaginário coletivo, oferecendo aos telespectadores uma narrativa muito rica e bastante complexa, tendo como destaques

personagens afrodescendentes. Desse modo, contrapõe-se de maneira decolonial aos discursos colonizadores que colocam a população negra de maneira padronizada e estereotipada, definida como favelada, criminosa, violenta, suja, ou como bem traduz Gonzales (1984, p. 226): “Mulher negra,naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta”, ou seja, é uma imagem de inferioridade.

As civilizações matriarcais existiram desde os primeiros povos originários do continente africano (Diop, 1974), isto é, a mulher em algumas civilizações tinha uma figura que liderava e era a base que estruturava o povo. No filme, tem-se a presença muito forte do matriarcado, assim como em algumas civilizações africanas antigas, onde havia comunidades em que“a mulher era o centro político, econômico e militar das relações internacionais desses povos, ou seja,não havia diferenças entre as mulheres guerreiras e rainhas” (Diop, 1974, p. 299).Eram funções tripartites: políticas, militares e líderes religiosas.No longa, é-nos mostrado justamente esse lado do sistema matriarcal.

Ao tratar de representatividade negra e feminina o filme é bem valioso, uma vez que se tem a participação de mulheres negras em espaços de poder e prestígio social,como vemos em Shuri (Letitia Wright) - chefe da divisão de tecnologia de Wakanda, mestra em Ciência e Tecnologia do reino; Okoye (Danai Gurira) - general do exército de Wakanda; e as Dora Milaje, grupo de guerreiras formado por mulheres. Para mais, se tem ainda a presença da rainha Ramonda, a rainha-mãe de Wakanda.

No início do filme, a rainha Ramonda faz uma visita a um conselho da ONU em Bruxelas, onde ela faz um discurso muito impactante contra as nações do mundo (Estados Unidos, França, entre outras), que querem colocar as mãos no *vibranium*, poderoso metal que só Wakanda possui.

Figura 7: Visita da Rainha Ramonda a um conselho da ONU em Bruxelas

Fonte: *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre*, 2022.

No desenrolar da cena, nota-se que a rainha Ramonda tem a companhia de um exército de mulheres, imagem essa que é bastante emblemática, porque, neste segundo filme da franquia Pantera Negra, são as mulheres que comandam a narrativa. Dessa maneira, com a morte do Rei T`Challa, Wakandase torna um reino comandado por mulheres, um reino onde a cultura ancestral divide espaço com a tecnologia e a força das mulheres.

Outra quebra de paradigmas no filme é posição ocupada pela chefe do departamento de tecnologias de Wakanda, ou seja, o cargo é ocupado por uma mulher, a princesa Shuri, extremamente inteligente, criativa e inovadora. Inclusive, ela é fortemente criticada no primeiro filme do Pantera Negra pelo líder da tribo das Montanhas, Umbaco, o líder dos Jabari, por ser uma "garotinha que brinca com brinquedos tecnológicos". Umbaco criticava a alta tecnologia desenvolvida em Wakanda com a descoberta do *vibranium*. No segundo filme, Umbaco se vê obrigado a se retratar com a princesa, que sentindo-se impotente com a perda da mãe (assassinada por Namor) diz: "Sou apenas uma garotinha que brinca com brinquedos teconólogicos", e Umbaco responde: "Você já perdeu muita coisa para ser considerada uma garotinha".

Sendo assim, no filme *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre,* o protagonismo é feminino. Vale ressaltar que não é somente um destaque de uma mulher que está em torno de vários homens, é um protagonismo real no universo cinematográfico, no qual tudo no filme é pensado, feito e protagonizado por mulheres negras da vida real.

O intelectual africano Cheik Anta Diop busca desconstruir em seus estudos a visão de que o matriarcado é uma organização primitiva e atrasada, ao passo que o patriarcado seria a representação do progresso. Diop nos fala que

> Desenvolvido em quase todo continente africano, o matriarcado tem suas principais características relacionadas à reverência ao feminino e ao seu poder de fertilidade (vínculo com a natureza); ao poder de escolher o marido e o divórcio; ao protagonismo em seus lares, na produção e distribuição de alimentos; à matrilinhagem (os filhos fazem parte da linhagem da mãe); à maternidade compartilhada associada à autoridade e à sacralidade da mãe. (Diop apud Ferreira; Barrozo, 2022, p. 7)

A ciência e a igreja foram à fonte do patriarcado ocidental moderno, pois foi através delas que se teve a elaboração de justificativas que terminaram fazendo com que tivesse a denominação da diferença de gênero como algo biológico, determinado desse modo, as mulheres como as subordinadas. Sendo assim, teve-se uma legitimação da

dominação e exploração da mulher pelo homem branco, e tudo a partir dessa forma de pensar nas sociedades coloniais.

OyèrónkéOyewùmí (2024) argumenta que o matriarcado está relacionado à unidade matricêntrica, a autora faz uma apresentação de um tipo de organização familiar diferente. “A família Iorubá tradicional do sudoeste da Nigéria pode ser descrita como uma família não-generificada. É não-generificada porque papéis de parentesco e categorias não são diferenciados por gênero” (Oyewùmí, 2024, p.08).

Ademais, Oyewùmí salienta ainda que dentro da casa, os indivíduos são agrupados em torno de diferentes unidades mãe-filhas/os descritos como *omoya.* Sendo assim, devido ao fato da matrifocalidade de muitos sistemas familiares africanos, a mãe termina sendo o eixo em torno do qual as relações familiares são delineadas e organizadas. (Oyewùmí, 2024).

Nah Dove (1998) procura fazer uma análise de acordo com uma concepção afrocentrista, na qual é colocado que não se tem uma hierarquia em relação ao masculino e o feminino, sendo assim, ambos trabalham juntos, em diferentes áreas de organização social. “A mulher é reverenciada em seu papel como a mãe, quem é a portadora da vida e a condutora para a regeneração espiritual dos antepassados, a portadora da cultura e o centro da organização social” (Dove, 1998, p.26).

Segundo Cheikh Anta Diop[13], nas sociedades africanas têm a existência de uma família matriarcal, e que possui uma forte ligação com a prática da agricultura. Assim, a unidade cultural da África Negra teria como base um sistema matriarcal ou matriarcado, que seria compartilhado por todas as sociedades africanas e constituiria um ponto em comum na cultura e um aspecto de reconhecimento de uma “unidade orgânica” (Diop, 1982, p. 9 apud Scholl, 2016, p. 27).

O matriarcado tem uma grande relação com a matrilinearidade[14] aspecto que

---

[13] Cheikh Anta Diop (1923-1986) foi um intelectual que nasceu no Senegal e produziu ideias inovadoras que influenciam e inspiram intelectuais africanos e fora de África até a atualidade. Atuando tanto no campo acadêmico quanto no da luta política, de maneira relacional, foi um homem que muito influenciou as diretrizes da luta de libertação anticolonial nos diversos espaços de África assim como entusiasmou o pensamento africano sobre África e suas dinâmicas culturais (Scholl, 2016, p.24).

[14] Nas sociedades matrilineares a descendência é através da linhagem materna, de modo que os bens passam de geração em geração através dos familiares da mãe, permanecendo, deste modo, na linha sanguínea. [...] O sistema matrilinear confere um certo poder às mulheres, no que diz respeito a manutenção da guarda dos filhos e herança após o divórcio ou morte do marido. Entretanto, esse poder é simplesmente formal, porque quem distribuí e toma conta dos filhos do finado é o tio materno. O que indica que a mulher ainda não é vista socialmente (mesmo em sociedades matrilineares) como uma pessoa que pode responder por uma família e resolver problemas econômicos. (Vilanculo; Nhiuane, 2021, p.142)

determina que a linhagem que é transmitida por via materna: “os filhos do casal "pertencem" à família do lado da mãe e o pai é colocado como uma figura secundária com relação aos irmãos da mãe na responsabilidade sobre a criança” (Scholl, 2016, p. 27-28).

É importante ser ressaltado que o matriarcado não é um sistema que busca fazer uma imposição hierárquica de gênero, ao contrário, é um sistema que tem como objetivo trazer uma complementaridade ao patriarcado, fazendo dessa maneira com que a mulher tenha mais participação e responsabilidade na política, economia e no âmbito religioso.

A representação simbólica da presença maciça de mulheres no filme é um recado para as sociedades contemporâneas patriarcais repensarem as dinâmicas sociais, pois como é visto no filme, as personagens femininas desempenham papéis de destaque, rompendo com o sistema patriarcal que é imposto nas sociedades ocidentais. Com papel de grande destaque no longa, a participação feminina é de suma importância, tendo assim um protagonismo central. O filme leva a mensagem sobre a igualdade de gênero, a partir da lutaque se tem nas ações de algumas personagens femininas como Nakia, Okoye, Shuri e Ramonda, na qual cada uma possui um grande destaque (político, guerreiro, militar, científico, sacerdotal) nas pautas discursivas presentes no longa, principalmente, acerca da forma com a qual a mulher é representada na mídia, são personagens que evidenciam a importância da mulher e de sua representatividade nassociedades.

Ao criar uma super-heroína, como no caso de Shuri (Pantera Negra), a personagem torna-se um símbolo do poder feminino, fazendo com que haja uma reflexão dos papéis assumidos pelas mulheres no filme. No longa, as mulheres são sinônimos de guerreiras, rainhas, políticas, inteligentes e sábias, tendo dessa forma, a participação nas discussões e obtendo também um desempenho de liderança dentro do grupo. Indo dessa maneira, de encontro ao que o sistema patriarcal coloca à mulher, isto é, ela deixa de ser representada em papeis reduzidos, ou até mesmo vista a partir de uma objetificação do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender a representação da mulher negra no filme

Pantera Negra: Wakanda Para Sempre, esta pesquisa apresentou algumas análises sobre o que o longametragem consegue trazer em termos de fortalecimento da representação da mulher negra no cinema, quebrando, dessa forma, barreiras que são impostas pela sociedade, por uma visão estereotipada da mulher negra nas sociedades ocidentais eurocentradas.

Na construção do filme, nota-se que o sistema matriarcal é muito usado, visto que se tem a inserção da mulher e seu papel nas sociedades africanas. A representatividade negra no filme possui um grande destaque e uma poderosa afirmação cultural e social. Através do longa, além de um empoderamento feminino, tem-se também uma ressignificação da cultura africana, por vários meios e epistemologias que valorizam os poderes ancestrais do continente africano: o matriarcado africano (e o feminismo negro)e o afrofuturismo (no filme, representado pelo poder bélico e tecnológico do *vibranium*, comandado por mulheres negras)permitem que a mulher negra ganhe destaque no enredoe nas cenas.

Pantera Negra: Wakanda Para Sempre consegue trazer ao público um protagonismo feminino importantíssimo, pois termina contribuindo para os debates sobre o feminismo negro. Na trama, a mulher negra encontra-se presente em diversas formas, nas lutas, na tecnologia, na força militar, na política, na sabedoria e no amor. As "Dora Milaje" que são as guerreiras com atitude de disciplina e força; Shuri, que tem o domínio tecnológico mais avançado do universo; e a Rainha Ramonda, uma mulher forte, protetora são alguns exemplos.

O filme traz ainda uma forte presença do Afrofuturismo, movimento que tem como objetivo pensar o futuro a partir de uma perspectiva negra. Sendo assim, o longa *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre,* se tornou um marco histórico, pois é uma narrativa que tem, como personagens principais, as mulheres negras que são reverenciadas,por suasinteligências, belezas, sabedorias, força, tecnologias e riquezas, além de também trazer ao público a África enaltecida, quebrando paradigmas estereotipados.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89–117, maio 2013.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como**

fundamento do ser. 2005. 339f. Tese de Doutorado em Filosofia da Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARVALHO, Ricardo Ossagô; TUBENTO, Medilanda Eliseu Amós. Matriarcado africano: uma análise nos escritos dos feminismos. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 17, n. 33, p. 305-328, 2021.

DIOP, Cheik Anta. **A origem Africana da civilização**: mito ou realidade. (Tradução para o português a partir da tradução inglesa de Mercer Cook).Briston/UK: Lawrence Hill & Co., 1974.

DOVE, Nah (Dorothy). Uma Crítica Africano-Centrada à Lógica de Marx. Tradução: Wellington M. C. dos Santos; Fernando Santos de Jesus. **Ensaios Filosóficos**, Volume XVI – Dezembro/2017.

DOVE, Nah. Mulherismo Africana – uma teoria afrocêntrica. Tradução de Wellington Agudá. **Jornal de Estudos Negros**, Vol. 28, № 5, Maio de 1998, p. 1-26.

FERREIRA, Simone Antunes; BARROZO, Monique Bonifácio. Geo-grafias da diáspora: o matriarcado africano no espaço urbano.**Revista Continentes** (UFRRJ), ano 11, n. 21, 2022 (ISSN 2317-8825).

FONSECA, Mariana Bracks. Poder feminino e matriarcado na África Pré-colonial.**Revista África e Africanidades** – Ano XII – n. 32, nov. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". **Revista Ciências Sociais Hoje**, Brasília, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HOSKIN, Michael; FLAMINI, Anthony; MOREELS Eric J.; VANDAL, Stuart. **Marvel Atlas 2**. Marvel Comics. Ebook Kindle. (maio de 2008).

MORAES, Viviane M.; SILVA ROSA, Dandara Rosa. Entre a fumaça e as cinzas. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 11, n. 2, p. 57-80, 2020.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. **Africanidades e educação: ancestralidade, identidade e oralidade no pensamento de KabengeleMunanga.**(Tese de Doutorado). São Paulo: USP (Faculdade de Educação), 2009.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.** Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SCHOLL, Camille Johann. **Matriarcado e áfrica:** a produção de um discurso por intelectuais africanos – Cheikh Anta Diope Ifiamadiume. Porto Alegre, 2016.

SOARES, Alan Rodrigues. **Imaginário e Afrofuturismo: imagens simbólicas do negro no futuro através de Pantera Negra.** Porto Alegre, BR-RS, 2023.

CUNHA, Bárbara Madruga. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero.** XVI Jornada de iniciação cientifica de direito da UFPR. Curitiba, 2014.

VILANCULO, Isabel; NHIUANE, Odélio. **Cultura e Representação: o lugar da mulher na cultura moçambicana.** Dados de África(s) | Vol.02 | Nº. 03 | Ano 2021.